

Meus filósofos

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Edgar Morin

Meus filósofos

Tradução
Edgard de Assis Carvalho
Mariza Perassi Bosco



Editora Sulina

© Éditions Germina, 2011

© Editora Meridional/Sulina, 2012

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Álvaro Larangeira

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M858m Morin, Edgar

Meus filósofos / Edgar Morin; traduzido por Edgard de Assis
Carvalho e Mariza Perassi Bosco. – Porto Alegre: Sulina, 2013.
175 p.

Título original: Mes philosophes
ISBN: 978-85-205-0674-5

1. Filosofia. 2. Filosofia Contemporânea. I. Título. II. Carvalho,
Edgard de Assis. III. Bosco, Mariza Perassi.

CDU: 101

CDD: 190

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

Fax: (0xx51) 2364.4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Janeiro/2013

Sumário

Meus filósofos	9
Heráclito	21
O Logos	24
“Viver de morte, morrer de vida”	25
“Acordados, eles dormem”	26
“Pólemos é o pai de todas as coisas” / “O Bem e o Mal são uma coisa só”	30
“Sem a esperança você não encontrará o inesperado”	32
Buda	35
Jesus	39
Montaigne	43
Descartes	49
Pascal	53
<i>O tetragrama pascaliano</i>	54
<i>A antropologia complexa</i>	58
<i>A atualidade de Pascal</i>	59
<i>Trabalhar para o bem-pensar</i>	61
Spinoza	63
Rousseau	67
<i>O homem natural</i>	70
<i>A boa sociedade e a vontade geral</i>	71
<i>Ensinar a viver</i>	72
<i>Voltaire ou Rousseau?</i>	74
Hegel	77
<i>A dialética</i>	78
<i>A astúcia da razão</i>	80
<i>A totalidade é a não verdade</i>	83
<i>O concreto</i>	86
Marx	89
<i>O homem genérico</i>	89
<i>A práxis</i>	91

<i>A “revisão” do marxismo</i>	94
<i>Ultrapassar Marx, conservando-o</i>	97
<i>O pós-marrano</i>	102
Dostoiévski e o humanismo russo	105
Proust.....	109
As psicanálises	113
<i>A psicanálise da morte</i>	113
<i>As cavernas humanas</i>	116
<i>As unimultiplicidades e unidiversidades humanas</i>	117
<i>Freud pós-marrano</i>	121
A Escola de Frankfurt	123
Heidegger	127
Os pensadores da ciência e os cientistas pensadores.....	131
<i>Bergson</i>	131
<i>Bachelard</i>	133
<i>Piaget</i>	134
<i>Minha revolução californiana</i>	137
<i>As três teorias, e para além delas</i>	138
<i>Von Neumann</i>	140
<i>Von Foerster</i>	140
<i>Niels Bohr</i>	145
<i>As limitações internas dos formalismos</i>	146
<i>Uma lógica das contradições?</i>	149
<i>Popper, Holton, Kuhn, Lakatos</i>	150
<i>Husserl</i>	152
O surrealismo	155
Ivan Illich	161
Beethoven	165
Conclusão	169

Agradeço a Jean Têlez a proposta de fazer este livro e a enorme ajuda em sua finalização, bem como a Jean-Louis Le Moigne por sua releitura atenta.

Meus filósofos

Por que razão aceitei a sugestão que me fez Jean Tellez de conceber um livro sobre meus filósofos? Sem dúvida para revisitar os espíritos que me formaram e me alimentaram, bem como reconhecer minha dívida múltipla para com eles. Para mim, essa dívida é fundadora, pois, nascido para a vida e para o pensamento sem verdade fundamental e sem herança intelectual, foram os pensadores, não apenas os reputados filósofos, mas também historiadores, romancistas e poetas, que me nutriram.

Na verdade, minha família não me transmitiu nenhuma verdade, nenhuma cultura, a não ser um amor pela música, pela canção popular do lado paterno, pelo bel canto do lado materno. Imigrados para a França, meus pais não vinham de uma nação, mas de uma cidade situada no centro do império otomano, Salônica, em sua maioria povoada por sefaraditas que falavam o velho espanhol e também o francês, sem por isso possuírem uma cidadania turca. Enraizei-me na cultura e na cidadania francesas, depois, com o tempo, descobri e alimentei minhas múltiplas raízes mediterrâneas, ibéricas, italiana, balcânica.

Não recebi nenhuma verdade religiosa de minha família, que era muito laicizada. Para meu pai, que tinha cinco irmãos e irmãs, a única religião era a da solidariedade familiar, que desapareceu com minha geração de filhos únicos. Na verdade, eu não dispunha de sistema “imunológico” mental que me permitisse rejeitar ideias não conformes à minha herança cultural, pois essa herança não existia.

Isso me levou a buscar minhas verdades por minha própria conta nas fontes as mais diversas. De modo incessante, fui animado e reanimado pela pergunta de Kant: “O que posso saber?”, à qual sempre associei, de modo suplementar, o “Que sei eu?” de Montaigne. Essas perguntas jamais me deixaram.

Minha necessidade de conhecimento intensificou-se nas condições de um luto terrível aos dez anos e, depois, de uma solidão no seio de minha família. Isso me fez mergulhar em um estado contraditório, feito de um desespero irremediável e de uma esperança incontrolável, de onde nasceram meus quatro “demônios” antagônicos/complementares: a dúvida avassaladora e a busca de uma fé, a racionalidade e o misticismo. Chamados para a vida pelo acontecimento fundamental que foi a morte de minha mãe, eles surgem a qualquer momento, tal como os gênios das *Mil e uma noites*, e surgem também um do outro. Cada um deles é portador de sua verdade, contrária, no entanto, à verdade dos outros.

Isso me fez conservar na idade adulta, e até os dias de hoje, uma curiosidade infantil, que precede a morte de minha mãe¹, acalentada pela ausência de verdade recebida. Com isso, fui estimulado a elaborar um pensamento apto a reconhecer e a afrontar incessantemente as contradições, em situações em que o pensamento “normal” não vê senão alternativas, e a descobrir minhas verdades em pensadores que se alimentam de contradições: Heráclito, Pascal, Hegel e Marx. Da mesma forma, eu me sensibilizaria com a filosofia chinesa do Tao, a “Via” exposta no *Tao Te King* atribuído a Lao Tsé, eu integraria a concepção dos princípios

¹ Não sei se tinha três ou quatro anos, estava ainda em minha pequena cama de criança, protegido por uma espécie de grade (barreira?) metálica para me impedir de cair. Essa cama ficava no quarto de dormir de meus pais e meus pequenos sapatos estavam sob a chaminé, pois era noite de Natal e meus pais me haviam assegurado que Papai Noel viria à noite depositar presentes em meus sapatos. Depois, meus pais saíram para festejar. Fui obrigado a ficar acordado até o fim da noite para verificar se, de fato, Papai Noel existia, e, no início da manhã, vi meus pais caminharem na ponta dos pés para colocar os presentes nos meus sapatos; eu não lhes revelei o que havia descoberto, deixando-os na ilusão de minha ilusão.

inteiramente contraditórios e, ao mesmo tempo, complementares do *yin* (o negativo, o feminino, a lua, a sombra, o frio) e do *yang* (o positivo, o masculino, o sol, a claridade, o calor) na *unidualidade* do ser (noção que se impôs a mim).

De fato, fui muito influenciado, muito sensível mesmo, à parte de verdade que argumentos os mais diversos ou contraditórios pareciam conter e, por isso, defrontei-me incessantemente com minhas contradições. Eu caminhava inconscientemente na direção da complexidade, ou seja, na direção da conciliação e da complementaridade das ideias, fossem elas antagônicas ou separadas umas das outras.

Adolescente, fui seduzido pela ideia da luta que se trava em duas frentes (na época essas duas frentes eram o fascismo e o comunismo stalinista; hoje, minhas frentes são as duas barbáries, a do cálculo cristalizado e a do lucro desenfreado, a barbárie dos dogmatismos e fanatismos).

Muito cedo, dirigi-me para autores que reconhecem e assumem as complexidades humanas, encontrando-os primeiramente na literatura, sobretudo em Dostoiévski, e em outros escritores russos como Tolstoi, Turgueniev, Tchekhov, depois em Proust e Roger Martin du Gard. De todos, o que permaneceu mais presente e iluminador foi Dostoiévski. Meu entendimento da complexidade humana deve muito aos perturbadores personagens de *Os irmãos Karamazov*, *Os demônios* ou de *Crime e castigo*. E foi nesse último livro, lido primeiro que os outros, que adquiri a paixão pelos humilhados e ofendidos, assim como a ideia de que a redenção do criminoso é sempre possível.

Jovem, experimentava uma emoção intensa diante das complexidades históricas. É necessário dizer que meus anos de adolescência correspondem às épocas indecisas e angustiantes dos anos 1930. Eu tinha doze anos quando Hitler ascendeu ao poder, dezessete no momento da Frente Popular, do começo da Guerra da

Espanha e dos primeiros grandes processos de Moscou. Como muitos de minha geração, tomei consciência das coisas e, ao mesmo tempo, da crise da política e dos questionamentos sobre a História. A História estava, então, em transe, depois se desencadeou e, como a muitos outros, arrastou-me tanto em seus furores quanto em suas aleatoriedades. Meu senso da complexidade e das incertezas da História foi reforçado graças aos ensinamentos de Georges Lefebvre, professor de História da Revolução Francesa na Sorbonne que, em 1939, quando eu tinha 18 anos, me transmitiu dois ensinamentos capitais. O primeiro: o de que as consequências das ações históricas são frequentemente contrárias às intenções daqueles que as decidem: mais tarde, essa ideia fecundará minha concepção da ecologia da ação. O segundo: o da retroação do presente sobre o conhecimento do passado. Georges Lefebvre nos ensinava que cada época ulterior da história da França havia produzido, segundo a experiência de seu presente, uma concepção diferente da Revolução. Isso demonstrava que todo conhecimento devia ser historicizado e que, de modo algum, havia um ponto de vista absoluto para a observação. Foi a partir dessa ideia, encontrada em Rickert, por intermédio de Raymond Aron, que, muito mais tarde, desenvolvi a ideia da socioecologia do conhecimento², depois disso, graças a outras influências, como a de Heinz von Foerster, a ideia que se tornou central em meu pensamento, a de que o observador deve observar-se em sua observação, que o conhecimento de um objeto deve conter o conhecimento do sujeito cognoscente, que todo conhecimento deve conter seu autoconhecimento.

No transcorrer de meus anos de guerra e de Resistência, fiz a descoberta de Marx, depois veio a iluminação hegeliana, que me revelou que o enfrentamento das contradições era uma necessidade vital do pensamento. Compreendi, em seguida, outra verda-

² *O método*, volumes III e IV.

de hegeliana, a de que existe outro concreto além da experiência existencial, que é o da complexidade que percebe diversas faces de uma mesma realidade, inclusive as contraditórias. As tendências de meu espírito, fecundadas por Hegel, puderam naturalmente conceber como complementares o Século das Luzes e o romantismo³, Voltaire e Rousseau, Kant e Hegel, Hegel e Kierkegaard, a racionalidade científica e o surrealismo (cujas importâncias meu amigo Dionys Mascolo me fez conhecer, e a ideia surrealista de que a poesia deve ser vivida se desenvolveu em minha concepção da vida humana bipolarizada entre prosa e poesia). Quando éramos estudantes resistentes, em 1942, meu amigo Jacques-Francis Rolland e eu fomos iluminados por Rimbaud e, principalmente, por seu livro *Uma estação no inferno* que, de modo sublime, exprimia todos os segredos da adolescência, da nossa inclusive, e que fornecia todo seu sentido poético exaltando nossa revolta e nossas inspirações: “Recebemos todos os influxos de vigor e ternura reais. E no despontar da aurora, armados de uma ardente paciência, entraremos nas esplêndidas cidades. [...] *Será, então, viável para mim possuir a verdade em uma alma e um corpo.*”

Foi assim que fui animado pela vontade de entrelaçar tanto quanto possível filosofia, ciência, literatura, poesia e, bem antes que surgisse em mim a necessidade imperiosa de utilizar esse termo, eu buscava a complexidade, que significa integrar simultaneamente as múltiplas dimensões de uma mesma realidade, a sa-

³ Compreendi que o projeto iluminista, que indubitavelmente comporta a racionalidade crítica, a autonomia do espírito, o extraordinário desenvolvimento da ciência, também comporta a fé cega no progresso, na dominação da natureza, e, visualizado em si mesmo, conduz a uma racionalidade abstrata e mutilada. Seu objetivo primordial foi ultrapassar o Século das Luzes, no sentido hegeliano do termo *aufheben*, o que significa que é necessário integrar as Luzes, complementando-as com a afetividade, a sensibilidade, o sentido místico da natureza, o sentido humanista da comunidade típicos das ideias de Rousseau e o que a primeira fase do romantismo desenvolverá. Na verdade, não existe razão pura, não existe racionalidade sem afetividade, como não existe prosa sem poesia. Assim como Pascal afirmou que a verdadeira filosofia zomba da filosofia (a verdadeira moral da moral), é necessário dizer que a verdadeira razão deve também zombar da razão única (abstrata, calculadora, fechada).

ber, a realidade humana, as incontornáveis contradições e as inelimináveis incertezas.

Em 1949, com 28 anos, enquanto trabalhava em *O homem e a morte*, descobri e integrei Freud, Rank, Ferenczi, as contribuições das múltiplas ciências humanas, das filosofias e da biologia. Nesse livro, pude dar livre curso à minha fome onívora de conhecimentos e, ao mesmo tempo, forjei nele minha transdisciplinaridade, desenvolvendo a autonomia de pensamento. De resto, mesmo em minha juventude marxista eu era assimilador e aberto a todas as influências.

Meu avanço intelectual e o trabalho sobre novas problemáticas fizeram-me descobrir novos autores que me influenciaram e cujas contribuições eu soube integrar. O leitor os verá neste livro. Existiram dois períodos cruciais neste avanço: 1956-1958 e 1968-1970⁴.

Os anos 1956-1958, que são aqueles do período Krushev, do outubro polonês, da revolução húngara e de sua repressão, depois do golpe da Argélia, da queda da IV República e da ascensão de De Gaulle ao poder, são também os anos da revista *Arguments*, na qual, juntamente com meus amigos, empreendíamos uma reinterrogação do marxismo e, mais amplamente, uma reinterrogação de todos os problemas. Foi no transcorrer desse período que recebi a contribuição dos pensadores da Escola de Frankfurt, principalmente de Adorno, Horkheimer e Marcuse, depois o do segundo Heidegger, de quem tomei emprestada a noção de era planetária para caracterizar nosso tempo de mundialização. Depois da extinção da revista *Arguments*, em 1962, estreitei mais do que nunca meus laços com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis e, cada um a seu modo, ultrapassamos o pensamento de Marx, integrando-o inteiramente em uma rica constelação de pensadores.

⁴ E também três "reorganizações genéticas" que destaco mais adiante.

Um longo trabalho de crisálida começou sem que eu tomasse consciência dele, e foi, sobretudo, no curso de uma fantástica permanência na Califórnia, no período de 1968-1970, que se operou em mim um equivalente intelectual de mutação genética que fez sair de sua crisálida o pensamento complexo em formação.

Em *Meus demônios* descrevi esse processo de “reforma genética” que havia começado em maio de 1968 e que devia provocar minha terceira grande reorganização genética. Nesse livro, apresento minhas três grandes reorganizações/mutações cognitivas e existenciais. A primeira, que corresponde a meu período da guerra e da Resistência, ocorreu em torno dos ensinamentos de Georges Lefebvre, aos quais foram adicionados os de Maurice Aymard, em Toulouse, e de minha descoberta de Hegel, que li e atualizei por intermédio de minhas leituras de Marx. Ela corresponde à necessidade de fazer comunicar as verdades isoladas, de integrar as contradições, de integrar a dúvida que, após a minha leitura de Hegel, tornou-se o “negativo”, ou seja, a própria energia do espírito. A segunda corresponde à elaboração de uma antropologia complexificada, que iniciei tanto em *O homem e a morte* como também em *O cinema ou o homem imaginário*, seguida da crise de meu marxismo que foi acompanhada de uma reinterrogação generalizada de todos os saberes e problemas. A terceira foi a de maio de 1968, seguida pelo ano que passaria no Instituto Salk de pesquisas biológicas em La Jolla, Califórnia. Em *Meus demônios* escrevi: “La Jolla foi mais do que um oásis em minha vida, foi um banho de juventude cotidiana, um lugar de felicidade, de reconciliação comigo mesmo, de aprendizagem e estudos intensivos, de participação eufórica na cultura hippie em seu último ano de florescimento.”

Foi aos 50 anos que recomecei um aprendizado, assimilando novas ideias e teorias que, até então, me eram desconhecidas, a teoria da informação (Weaver, Brillouin), a cibernética (Wiener, Ashby, Bateson), a teoria dos sistemas (von Bertalanffy),

iniciando-me na problemática termodinâmica da desordem (de Boltzmann a Prigogine), na problemática da auto-organização, com von Neumann e von Foerster, descobrindo os trabalhos sobre a ciência de Popper, Kuhn, Lakatos, Holton.

Sem que interrompesse minhas pesquisas e estudos concretos sobre problemas contemporâneos, essa última reorganização genética se orientou definitivamente para os problemas radicais do conhecimento e para a elaboração de um método da complexidade (*O método*, 1977-2005).

Como já afirmei antes, jamais cessei de partilhar da pergunta de Kant: “O que posso saber?”, mas sempre quis responder, também, à sua recomendação de passar pela Antropologia. Ao “O que posso saber?”, tornava-se necessário para mim associar um “O que é o homem?”, pergunta que se desdobrava em outra: “Quem sou eu?”

A Antropologia complexa corresponde à minha necessidade fundamental de conceber a unidade/diversidade antropológica, na qual a diversidade humana aparece como o tesouro da unidade humana, assim como a unidade humana aparece como o tesouro da diversidade humana. De modo complementar, ela correspondia à minha necessidade de religar o *anthropos* que contém em si *bios*, *physis* e *cosmo*, termos que não são diferentes entre si, ou seja, implicam *emergência*, palavra que indica todo o mistério do humano.

Nunca deixei de retomar minhas interrogações, revivificadas pelos acontecimentos, pelas histórias vividas, pela história trágica e incerta. Minha pesquisa antropológica só poderia ser antropobiológica, pois o homem é um animal e um ser vivo; e uma vez que somos constituídos por moléculas, átomos e partículas que se formaram no curso da história cósmica, naturalmente cheguei na antropo-bio-cosmologia, o que me esclareceu muito sobre a vida e o mundo. O humano faz parte da vida e a vida faz parte

do humano, o humano faz parte do mundo físico, que faz parte dele, o humano faz parte da história do cosmo que, por sua vez, é interior ao humano. O conjunto *homo-bio-cosmo* constitui um circuito recursivo ininterrupto no qual cada termo está implicado no outro, alimenta o outro e depende do outro. E, assim, de modo incessante, senti-me participante da vida, fazendo parte da vida e, ao mesmo tempo, fazendo parte do cosmo, participando de sua aventura extraordinária. Toda essa aventura do conhecimento não me fez dissipar, mas reconhecer o profundo mistério inerente à condição humana, à vida, ao universo e àquilo que denominamos realidade.

Os filósofos que me marcaram são aqueles que nutriram a unidade e a diversidade de minhas interrogações. Meus filósofos, volto a repetir, não são todos “filósofos”, entre eles encontram-se romancistas como Dostoiévski, matemáticos e metamatemáticos como Heinz von Foerster, fundadores de espiritualidades e de éticas como Jesus ou Buda e, também, o titã Beethoven que expressa em palavras uma filosofia profunda em seu “Tem que ser assim? Sim, tem que ser assim!”⁵.

Sem meus filósofos, eu não seria ninguém e não poderia sentir senão emoções violentas, horrores, encantamentos: com eles, cultivei e formulei minhas emoções violentas, meus horrores, meus encantamentos. Eles nutriram minha vida ao nutrirem meu pensamento, e meu pensamento, formado a partir deles, nutriu minha vida. Como já afirmei antes, daí decorre a necessidade de hoje reconhecer minhas dívidas e expressar meus reconhecimentos.

Minha relação com a filosofia foi aberta e jamais se fechou na disciplina Filosofia. Conhecimentos históricos, biológicos,

⁵ Morin refere-se ao *Quarteto de cordas nº 16 in F maior, op. 135*, de Ludwig van Beethoven, escrito em 1826. O último dos quatro movimentos leva o título "Der schwer gefaßte Entschluß (A difícil decisão) – Grave, ma non troppo tratto (Muss es sein?/Tem que ser assim?) – Allegro (Es muss sein!/Sim, tem que ser assim!) (N.Ts.).

antropológicos, físicos, matemáticos (de meu professor Georges Lefebvre a von Foerster) formaram algumas de minhas ideias filosóficas: em contrapartida, filósofos (como Heráclito, Pascal, Rousseau, Hegel) me incitaram a nutrir-me sempre mais de conhecimentos históricos, biológicos, antropológicos, físicos, matemáticos. De modo algum posso esquecer minha dívida com meus companheiros de vida, como Dionys Mascolo, Robert Antelme: com companheiros de aventura intelectual, como Jean Duvignaud, Kostas Axelos, François Fetjö (nos tempos da revista *Arguments*), Claude Lefort e Cornelius Castoriadis: com os amigos do “grupo dos Dez” (que se reuniu entre 1969 e 1976): Jacques Robin em primeiro lugar, Henri Atlan, Joël de Rosnay, René Passet, Michel Rocard, Jacques Sauvan: posteriormente vieram os amigos-irmãos da aventura da complexidade: Jean-Louis Le Moigne, Mauro Ceruti, Gianluca Bocchi, Oskar Nikolaus, acrescidos de novos companheiros de todos os continentes.

Na filosofia, assim como em todos os outros domínios, fui como uma abelha que produz mel a partir de todas as flores. Recolhi pólen de Kant, sem me deixar absorver pelo kantismo, recolhi muito mais de Hegel, sem me transformar em um hegeliano. Isso significa, também, que, sem ser parcial, minha cultura filosófica é lacunar no sentido em que jamais isolei meus conhecimentos filosóficos, sempre busquei integrá-los em um processo intelectual e existencial, global, religador, contraditório. Busquei e sempre encontrei em meus filósofos estimulações e, por vezes, iluminações.

Meus filósofos me ajudaram a sentir-me religado a todos os domínios da vida e do conhecimento, a rejeitar o que rejeita, a cultivar um sentimento infinito de solidariedade: o que o *Tao* denomina o espírito do vale que “recebe em si todas as águas.” Meu caminho espiritual é uma aventura de oitenta anos, na qual realizei minha busca subjetiva originária de verdade, uma busca em todos os domínios e, a partir dela, uma busca de mim mesmo. Assim

como Heráclito, eu também posso dizer: “Eu realizei uma busca de mim mesmo.”

Com isso, escapei do *imprinting* cultural dominante, em particular da injunção de que cada um deve especializar-se, consagrar-se ao saber fragmentado, parcelar de especialista.

Permaneci autodidata, mesmo quando aprendia tanta coisa de meus filósofos. Fui movido a partir de mim mesmo e por mim mesmo na busca de minhas verdades. E esse autodidatismo conduziu-me ao encontro de meus mestres do pensamento. Não tenho nenhum mestre exclusivo do pensamento, mas uma constelação de estrelas-guias, de Heráclito e Lao Tsé, até Breton, Bataille e von Foerster...

Cada um de nós, em sua infância, se questionou a respeito de problemas primordiais e indiscutivelmente filosóficos. A maioria dos adultos julga esses questionamentos ingênuos e inúteis. Quanto a mim, as fontes de minha curiosidade infantil permaneceram vivas e, de modo incessante, retorno aos meus questionamentos adolescentes, que são os questionamentos éticos e filosóficos primordiais, da vida, da morte, do “quem somos nós?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, os das origens, do devir, do real, do sentido e do não sentido.

Por isso, este livro poderia ser seguido de outro, cujo título seria: “Rumo ao indizível.”